

## Vereda da Salvação: intersecções entre raça, gênero e crença na dramaturgia de Jorge Andrade

### Vereda da Salvação: intersections among race, gender and belief in the dramaturgy of Jorge Andrade

André Luís Rosa<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá/PR, Brasil  
E-mail: alrosa@uem.br

Giovanna Gasino<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá/PR, Brasil  
E-mail: giovannagasino.psi@gmail.com

#### Resumo

Em 1955, o município de Malacacheta, Minas Gerais, testemunhava um episódio de fanatismo religioso que levou à morte quatro crianças violentamente assassinadas. Uma década após o ocorrido, Jorge Andrade, escritor paulista, se propõe a retratar o caso em uma dramaturgia de denúncia e alerta. *Vereda da salvação* (1965) é pertinente e atual na discussão acerca do fanatismo religioso, porém, o presente trabalho se propõe a analisar o modo como o dramaturgo expõe as intersecções de gênero, raça e crença. Infelizmente, o autor faz escolhas discursivas que omitem a racialidade das personagens, bem como torna a trama das protagonistas femininas orbitantes em relação às narrativas dos homens. Em sua obra, Andrade nos leva a refletir acerca dos perigos de um discurso religioso calcado na promessa de uma nova terra direcionada às pessoas que nunca tiveram um pedaço de terra para si. A esperança torna-se vilã neste processo, de tal modo que a realidade perde seu espaço, dando lugar à fantasia e ao delírio coletivo de uma ascensão aos céus. Apesar de uma crítica contundente à posição catequizadora de algumas doutrinas neopentecostais, o autor parece querer retratar o conflito ocorrido apenas pelo viés da luta de classes sociais, negligenciando as intersecções de raça e gênero presentes na dramaturgia e no acontecimento em Minas Gerais.

#### Palavras-chave

Branquitude. Gênero. Fanatismo Religioso. Vereda da salvação. Jorge Andrade.

#### Abstract

In 1955, the city of Malacacheta, Minas Gerais, witnessed an episode of religious fanaticism that resulted in the brutal murder of four children. A decade later, Jorge Andrade, a writer from São Paulo, dramatizes the case in a work of warning and caution. *Vereda da salvação* (1965) remains relevant and timely in discussions of religious fanaticism. However, this paper intends to analyze how the playwright portrays the intersections of gender, race, and belief. Unfortunately, the author makes discursive choices that omit the racial identity of the characters, and he also reduces the plot of the female protagonists to an orbiting role around the men's narratives. In his work, Andrade prompts us to reflect on the dangers of a religious discourse grounded in the promise of a new land, aimed at people who have never had a piece of land to call their own. Hope becomes the villain in this process, to the point that reality loses its place, making way for fantasy and a collective delusion of ascension to the heavens. Despite offering a strong critique of the catechizing stance of some neo-Pentecostal doctrines, the author seems to portray the conflict solely through the lens of class struggle, neglecting the intersections of race and gender present both in the dramaturgy and in the event in Minas Gerais.

#### Keywords

Whiteness. Gender. Religious Fanaticism. Vereda da salvação. Jorge Andrade.

<sup>1</sup> André transita entre as artes da cena e do audiovisual, a pedagogia e os saberes anticoloniais. Artista e pesquisador das Poéticas do Corpo e das Imagens em Movimento. É docente na Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Maringá. Doutor em Estudos Artísticos (Teatrais e Performativos) pela Universidade de Coimbra/Portugal. Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA. Licenciado em Educação Artística com Habilitação Plena em Artes Cênicas pela UNESP. Trabalha há mais de 25 anos com as artes da cena e o audiovisual, atuando entre o ao vivo e o mediado tecnologicamente. Fundou o Movimento Sem Prega (Brasil/Portugal) e o NEC - Núcleo de Estudos e Criação Cênico-Visual (CNPq/UEM): ambos investigam as dimensões culturais, políticas, espirituais, sexuais/gendéricas e linguísticas, funcionando como uma estrutura laboratorial nômade em arte, educação e mediações tecnológicas.

<sup>2</sup> Giovanna é pessoa trans não binária, psicóloga e artista, formada em Psicologia e graduanda em Artes Cênicas — Licenciatura em Teatro pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente atua na clínica em psicoterapia, desenvolvendo também projetos com a poesia e com a escrita que visam costurar arte e saúde mental. Está presente em projetos de iniciação científica desde a primeira graduação, tendo como temas principais gênero, sexualidade e maternidade. A pesquisa foi realizada com subsídios do PIBIART 2024, Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Arte, com a orientação do Prof. Dr. André Luís Rosa.

## Ponto de Partida

Estamos vivenciando um momento político, social, econômico e estético em que o fundamentalismo religioso tornou a invadir espaços de poder e de representação. Há um discurso crescente segundo o qual as dissidências de gênero e sexualidade pretendem desafiar e destruir valores tão arduamente construídos e estabelecidos pelos tais “cidadãos de bem”. Para lutar por Deus, pela pátria e pela família, vale tudo: desde discursos de ódio e violências psicológicas até violências físicas e homicídios - tudo nome da moral e dos bons costumes. Uma luta pelo que seria, para essas pessoas, justiça e harmonia, mas que se assenta na opressão, no epistemicídio e no extermínio das diferenças.

A dramaturgia de Jorge Andrade não poderia ser mais atual em suas representações, visto que nela notamos o poder de uma promessa, principalmente quando alçada sob a peleja de um povo. *Em Vereda da salvação* (1965), observamos o discurso neopentecostal se alastrar e penetrar no imaginário de todo um vilarejo a partir da esperança da tão desejada “Terra Prometida”. A dramaturgia remonta à vivência de trabalhadores/as rurais, chamados/as de meeiros/as, que, por não terem um pedaço de chão para si, são obrigados/as a trabalhar na propriedade de outras pessoas em troca de uma terra para morar. Fabular um reino divino onde não haveria mais posses e no qual todas as pessoas seriam iguais perante a Deus, parecia ir exatamente na direção de tudo o que mais desejavam. Diante de tal promessa, quem não se converteria?

A partir de um evento que realmente ocorreu no Norte de Minas Gerais, na década de 1950, no qual crianças foram brutalmente assassinadas em nome da fé, Andrade costura uma dramaturgia de denúncia e revolta. Como pessoas pesquisadoras, algumas escolhas narrativas do autor nos chamam a atenção e nos fazem questionar se, mesmo numa posição de

protesto e reivindicação de direitos, o dramaturgo não recai em estereótipos de gênero e de raça. Na obra, há uma falta evidente relativa à racialidade das personagens, bem como é possível observarmos narrativas femininas que apenas orbitam a trama vivenciada pelos homens. Estamos cientes do período em que a obra foi escrita, nos anos de 1960, marcada de um contexto social e histórico. Porém nesta investigação, atentamos para as intersecções do racismo, da intolerância religiosa e do sexismo presentes na dramaturgia, a fim de não repetirmos equívocos e de construirmos novos futuros possíveis.

Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo compreender o modo como as representações de gênero e raça se apresentam na dramaturgia de Andrade, como interagem com o episódio que ocorreu em Minas Gerais, e quais relações podemos fazer com os conflitos que vivenciamos nos dias de hoje. Para compormos esta análise, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico e exploratório, a partir da revisão de artigos que tratam especificamente das intersecções entre gênero e religião, raça e religião ou, ainda, as três temáticas em conjunto, por meio de uma escrita pautada numa análise crítica e interseccional.

## **Vereda da salvação: entre o povo, a terra e o delírio**

No início de abril de 1955, o município de Malacacheta, em Minas Gerais, testemunhou um episódio ímpar de histeria coletiva, fanatismo religioso e violência assombrosa, culminando no assassinato brutal de 4 crianças, além do espancamento de outros membros da comunidade e da morte de dois jovens, executados pela polícia local (Figura 1).

Figura 1 Fragmento do Jornal A Noite (RJ)



Fonte: Jornal A Noite (RJ), ed. 14986, 1955<sup>3</sup>.

Na ocasião, dois jovens do vilarejo de Catulé, pequena vila próxima ao município de Malacacheta, haviam retornado recentemente da cidade de Presidente Prudente, no interior de São Paulo. Ambos regressaram aos seus lares recém convertidos à doutrina do Adventismo da Promessa e instruídos quanto à leitura das escrituras sagradas.

Ao retornarem, os adeptos à nova crença, de nome Onofre Gomes dos Santos e Joaquim Bernardo Costa, se incumbiram de levar a palavra de Deus aos seus conterrâneos, autointitulando-se líderes religiosos perante o vilarejo. Os jovens missionários rapidamente converteram ao Adventismo grande parte daquela pequena população de 44 habitantes. Para manterem a fé, as pessoas adeptas realizavam reuniões de oração com frequência, e eram sempre convidadas pelos pregadores a jejuar e rezar, sendo incentivadas ao exercício da fé através do sacrifício.

Em abril, aproximava-se uma viagem missionária que o vilarejo faria em grupo, na qual os fiéis iriam até o Tabocal, povoado um pouco mais distante de Malacacheta. Como expõe Carlo Castaldi (2008) na reconstituição dos fatos:

Como todas as viagens de proselitismo,

3 Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970\\_05&pasta=ano%20195&pesq=monstros%20cremadores&pagfis=29636](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_05&pasta=ano%20195&pesq=monstros%20cremadores&pagfis=29636). Acesso em: 21 nov. 2024

também esta foi precedida de uma ‘semana de oração’ durante a qual o grupo se preparou espiritualmente para a ocasião através da reza e do pedido de perdão aos que haviam sido ofendidos. A ‘semana da oração’ começara sexta-feira, 1º de abril de 1955, e na quinta-feira seguinte, dia 7 de abril, iniciaram a viagem. (Castaldi, 2008, p. 308)

É justamente durante uma reunião dos fiéis que acontecia no período da semana de oração que os missionários advertiram a comunidade de que Satanás estaria entre eles. Após receber esta notícia, uma comoção começou a tomar conta das pessoas do pequeno povoado. Uma jovem de treze anos, intitulada pelos missionários como profetiza, ficou responsável por apontar quem estaria com o Satanás no corpo. Uma criança de 5 anos foi por ela sinalizada e, deste modo, tornou-se a primeira vítima do massacre. As três mortes seguintes foram decorrentes do mesmo processo, crianças identificadas como tendo seus pequenos corpos possuídos por Satanás.

Jorge Andrade propõe em sua obra, *Vereda da salvação*, de 1965, uma releitura deste episódio sangrento em nossa história. O dramaturgo faz pequenas mudanças e adaptações na narrativa como, por exemplo, em graus de parentesco, ou na forma como o conflito se escalona, porém, mantendo em seu texto o nível de violência implicada, e ainda o modo como a crença vai gradualmente ganhando espaço e força na vida daquelas pessoas.

Na obra de Andrade, somos inicialmente introduzidas às personagens Manoel e Artuliana, que, ao discutirem sobre sua relação, nos revelam o romance mantido em sigilo - segredo este que entrelaça a trama das três personagens principais. Artuliana se mostra ansiosa para que sua paixão seja revelada a todas as pessoas do pe-

queno povoado, a fim de estar definitivamente com seu amado. Ele, por sua vez, busca lembrá-la de que já no dia seguinte poderiam casar-se, sob as bênçãos e consentimentos religiosos e da comunidade.

Somos, então, apresentadas às personagens Onofre e Joaquim, nomes mantidos tal qual a história original, bem como o fato de que ambos os jovens tomaram para si o ônus de conduzir o vilarejo para a fé do Adventismo da Promessa. Os dois se demonstram fervorosos e desejosos de que todo o grupo se converta para a nova crença, abandonando a religião dos padres: termo para se referir à Igreja Católica, hegemônica na região enquanto religião. Os pregadores insistem no sacrifício e na prática do perdão, propondo que as pessoas convertidas venham a ajoelhar-se e pedir perdão por seus pecados, pois somente assim poderiam se libertar de qualquer ofensa e se manter puras.

A partir deste momento, a história nos revela um conflito entre as personagens Manoel e Joaquim e o modo como o título de liderança daquele povo parece estar em disputa. O primeiro sempre foi visto como líder por todas as pessoas da pequena comunidade rural, por possuir relação com os donos da fazenda que cederam as terras para o cultivo de suas roças. Manoel era um homem mais velho, trabalhador e respeitado pelo vilarejo. O segundo, por outro lado, não possuía tais atributos, mas conquistava cada vez mais espaço como líder religioso do povoado e demonstrava-se desejoso em ser reconhecido como tal, inclusive por Manoel.

É a partir desta disputa que, no decorrer do drama, algo parece crescer em Joaquim, como uma sede por esse reconhecimento. A competição com Manoel o leva a entrar num delírio de poder, buscando provar-se efetivamente como o grande mensageiro de Deus na terra e, num segundo momento, chega a acreditar ser o próprio Cristo reencarnado. Joaquim alucina com o Espírito Santo, e sua convicção e eloquência se apresentam de tal modo que acabam por convencer a comunidade a realizar barbáries em nome da

purificação do povo.

E é o ato sexual comprovado e encarnado como feto no ventre de Artuliana que provoca a derradeira ruptura de Joaquim com a realidade, à medida que este seria o pecado escondido que procurava. E não era qualquer pecado, mas a relação mais carnal e mundana, à qual a personagem associa o pecado da luxúria: “Vigia bem êle! Quem desatar essas mão... solta todos os demônio da luxúria... que faz da mulher, mãe!... e da mãe, mulher!” (Andrade, 1970, p. 253). A relação sexual entre o seu “rival” e a mulher que havia cobiçado anteriormente levam Joaquim a uma espécie de êxtase, pois parece criar uma justificativa para todos os sentimentos ruins que havia tido pelo casal. A rivalidade com Manoel e a cobiça com Artuliana viriam agora a ser obra de Satanás decorrente do pecado que tinham cometido.

Após a revelação da gravidez temos, então, uma sucessão de fatos violentos, como o espancamento de Artuliana e o seu aborto, o espancamento e prisão de Manoel e o assassinato de Jovina, menininha que bebeu água no poço, contrariando o jejum imposto a todos. O delírio coletivo do povo segue crescendo, até que as pessoas passam a mudar seus nomes para nomes bíblicos e a crer que, naquele mesmo dia, ascenderiam aos céus. Ao final da dramaturgia, de modo mais drástico que no episódio real, ocorre uma execução coletiva daquele povo que havia depositado esperança em uma redenção através da fé. São executados(as) pelos policiais de forma conjunta e, salvo algumas pessoas que fugiram anteriormente para a fazenda, morrem todas - até mesmo Ana, filha de Manoel, que havia convocado os policiais a intervir.

Em sua obra, Andrade parece ter urgência em nos alertar, quase como se tivesse sido testemunha ocular do ocorrido, o modo como o fanatismo religioso e a histeria coletiva podem levar grupos

de pessoas a ações tão violentas, sem que as mesmas se deem conta da gravidade de suas práticas. O dramaturgo também parece nos advertir para os efeitos da promessa de uma Terra Santa onde não há dor e nem sofrimento para um povo que nunca teve terra para si. A esperança de uma terra prometida e de um cessar das angústias cotidianas pode ser tão deslumbrante a ponto de nos desconectar da realidade.

Castaldi propõe em sua pesquisa acerca do ocorrido em Catulé que a religião, a princípio, pode ter colaborado para uma maior integração e relação de coletividade entre o povo, este que, com o advento da tomada de terras por fazendeiros, estaria fadado a cuidar de uma terra que não era sua. Porém, a promessa de um novo mundo gerava, então, uma cisão com a realidade, levando-os/as a um delírio coletivo em busca da Terra Prometida:

[...] não se pode afirmar que o Adventismo facilite a assimilação do emigrante à nova estrutura social, e isso porque o comportamento do convertido não tem por base uma visão realística da nova sociedade e das novas relações de trabalho, mas funda-se na esperança utópica de que o cumprimento escrupuloso de uma norma de vida lhe há de valer a Salvação da alma. Enquanto, pois, o Adventismo da Promessa ajuda o ex-posseiro a adaptar-se à nova sociedade capitalista, que transbordando o submergiu, a orientação escatológica da seita põe obstáculo a qualquer forma de participação ativa e de verdadeira assimilação na nova sociedade; diríamos mesmo que impede a formação de uma consciência realística da experiência histórica por ele vivida (Castaldi, 2008, p. 355).

Ou seja, apesar de a crença possivelmente colaborar com essas pessoas meigas na adaptação às condições de trabalho da época, o caráter utópico da seita pode ter tornado mais difícil uma elaboração da realidade, à medida que esta passaria a estar calcada na esperança de um novo mundo que ainda estaria por vir.

Na adaptação de Andrade, o dramaturgo faz certas escolhas narrativas, e algumas delas chamam mais a atenção do que outras. Uma delas é a escolha de transportar a história de um pequeno vilarejo de Minas Gerais para o interior da Bahia. Um relato de fanatismo religioso e de tom messiânico combinaria, aos olhos do autor paulista, mais com o sertão nordestino do que com o sudeste brasileiro?

Outra questão que nos salta aos olhos é a mudança na personalidade de Joaquim que, na história real, parece ter um grande conflito com sua sexualidade, como apontado por Castaldi, à medida em que discute quais fatores poderiam ter levado ao episódio ocorrido em Minas Gerais:

Nem se pode afirmar que a difusão de tal religião em tal ambiente cultural explique o que ocorreu em Catulé durante a Semana Santa de 1955; seja porque, embora difundindo-se por grupos partícipes da mesma cultura, a mesma religião não provoca inevitavelmente resultados semelhantes, seja porque é suficiente ler o relato dos fatos para verificar que alguns fatores de caráter pessoal – por exemplo os problemas sexuais em Joaquim – tiveram uma importância relevante (Castaldi, 2008, p. 308).

Nos relatos do episódio ocorrido, há algumas pistas de que Joaquim, um jovem de 26 anos, se relacionava sexualmente com uma adolescente de 15 anos, sob a alegação de que no futuro casaria-se com ela. O missionário, nesta época, já estava noivo de outra moça. A jovem Maria dos Anjos, com quem ele mantinha relações, parece ter sido, inclusive, a primeira vítima de espancamento de Joaquim. Há relatos

também de uma masturbação em público do líder religioso, alegando que este seria seu pecado escondido (Castaldi, 2008).

As especificidades da personagem de Joaquim serão discutidas mais adiante, porém, no próximo tópico, traremos à discussão o modo como as políticas de gênero operam, tanto na narrativa, quanto na vida real, em contextos religiosos e, principalmente, no meio evangélico e neopentecostal.

### **A procissão das políticas de raça e gênero**

A temática do fundamentalismo religioso no Brasil é incrivelmente atual e, apesar de estarmos lendo uma obra dos anos de 1960, é impossível não reconhecer alguns padrões e não os relacionar com eventos recentes. As religiões cristãs seguem operando uma rede de condicionamento dos papéis de gênero e da sexualidade humana, visto que impõem modelos binários do que é ser um homem ideal e uma mulher ideal perante Cristo e a Igreja, como apontam Jamil Cabral Sierra e Tamires Tolomeotti Pereira:

A ênfase do fundamentalismo religioso ocidental recai sobre o controle da conduta sexual e de gênero. Este controle é explícito no contraponto necessário do culto à mulher casta e submissa, ao mesmo tempo em que há o rechaço aos gays afeminados, às pessoas trans e às mulheres ditas masculinizadas em relação à idealização do homem viril, autoritário e destemido, seja na forma da autoridade paterna, seja na bravura dos soldados da fé (Pereira; Sierra, 2019, p. 247).

A obra de Andrade dialoga ainda mais com estes aspectos da crença e da religião à medida que centraliza o conflito principal na tríade Joaquim - Manoel - Artuliana.

A primeira personagem apresentada na trama é Artuliana, uma mulher cisgênera que, no decorrer da história, se demonstrará forte, destemida e confrontadora. O primeiro adjetivo empregado em sua descrição foi “provocante”, nas palavras de Andrade: “Artuliana é mais provocante do que bonita” (Andrade, 1970, p. 234). Nesta primeira palavra atribuída à primeira personagem feminina introduzida na trama, inevitavelmente uma tonalidade é conferida aos corpos femininos desta narrativa. A primeira característica que aparece é relativa à sua sensualidade, algo que, no caso de Artuliana, se demonstra no corpo, mas parece transcender uma descrição puramente física.

A seguir, somos apresentados a Manoel, homem cisgênero e pivô na disputa pela liderança do povoado, ao lado de Joaquim. As primeiras impressões da personagem também envolvem uma descrição de seu corpo, porém que pretende evidenciá-lo como o corpo de um homem, acima de tudo, trabalhador. A estrutura forte, as mãos calosas e o rosto queimado colocam em nosso imaginário um homem voltado inteiramente para o labor. A única fresta produzida nesta imagem, porém, que ainda assim evidencia o ideal de masculinidade do jovem senhor, seria a do “peito cheio de pelos” (Andrade, 1970, p. 234), que confere uma ideia de virilidade sexual à personagem.

Por fim, fechando o trio de personagens em torno do qual o conflito da trama se circunscreve, Joaquim aparece. Ele nos é retratado como um corpo muito magro, mais magro do que dos outros homens. A descrição de uma figura mais alta e de rosto fino, além da fronte aprofundada, já parece nos conduzir à uma imagem esguia e fria, porém não há qualquer caracterização mais objetiva de sua personalidade ou comportamento neste primeiro momento, diferentemente de Manoel e Artuliana. É interessante observar que Joaquim não possui uma apresentação de grande destaque, o que pode nos dar a impressão, a princípio, de que talvez não fosse uma personagem tão relevante para a

construção da trama, porém, ao longo da narrativa, torna-se persona central que vai acumulando nuances na descrição de sua aparência e de seu estado emocional na condução dos fatos da história.

### A racialidade não demarcada

Um marcador omitido pelo autor é o da racialidade das personagens, que não fica evidente para quem está lendo a obra. No episódio ocorrido em Minas Gerais, temos a descrição de algumas pessoas envolvidas em reportagens de jornais como homens e mulheres negras. Apesar da escolha do autor de transportar a narrativa para o interior da Bahia, estado no qual temos uma população negra superior à 79% (Censo de IBGE de 2022), Andrade não inclui na apresentação de nenhum deles este referencial. O único trecho que parece dialogar com este aspecto se encontra já na metade do segundo ato, quando, após ter perdido sua filha, Germana parece se afundar no delírio coletivo, rebatizando-se e afirmando que agora chamava-se Jeremias. A personagem exclama então: “Não sou mais a Germana! Ela era pixaim, eu sou branca!” (Andrade, 1970, p. 266).

Padre Antônio Vieira, em um de seus sermões de nome Sermão da Epifania (1685), nos traz os seguintes dizeres:

E entre Christão & Christão não há diferença de nobreza nem diferença de cor. Não há diferença de nobreza, porque são filhos de Deos, nem há diferença de cor, porque todos são brancos. Essa he a virtude da água do Baotismo. Hum Ethiope se se lava nas águas do Zayre, fica limpo; mas não fica branco; porém na água do Baotismo sim, huma coisa, & outra. (Vieira, 1685, p. 533).

Vieira era um clérigo que pregava contra a escravização de pessoas negras e indígenas e mes-

mo sendo, de certo modo, progressista em seu discurso (referente à época na qual viveu), ainda demonstra compreender o mundo a partir de uma lógica supremacista branca. Sua fala sobre as águas do batismo remete grandemente à declaração de Germana. Alegações separadas por quase 300 anos, mas que carregam o mesmo teor. O branco associado à pureza e o negro associado ao pecado. Tornar-se “mais alvo que a neve” (Salmos 51:07) deveria ser a busca de cristãos que desejam aproximar-se da pureza de Cristo.

O religioso parecia conceber a escravização como um processo tirano (1685), porém era defensor da catequização e conversão de pessoas escravizadas, não compreendendo como ambos fenômenos faziam parte de um mesmo projeto de poder: a soberania de uma cultura branca e colonial. Ana Paula Miranda (2021) nos traz que estas ideologias raciais “serviram para justificar a escravização de negros e indígenas, que hoje segue funcionando através de argumentos para legitimar narrativas de inferiorização desses mesmos grupos” (Miranda, 2021, p. 44).

Narrativas que inferiorizam pessoas não brancas são frequentemente utilizadas no âmbito cultural e religioso. Não à toa, qualquer expressão musical que sai da periferia é posta em questão como produção artística. Afirmar que o funk não é música, por exemplo, é uma das formas em que o racismo estrutural age em nosso cotidiano. As criações de populações pretas e indígenas só se tornam arte para a branquitude quando elitizadas e embranquecidas, e o mesmo ocorre no meio religioso, como pontua Diná da Silva Branchini:

[...] na construção da identidade de pessoas negras protestantes, uma das formas de articulação é a negação de suas expressões culturais e a assimilação de uma identidade embranquecida, associada à ascensão social. (Branchini, 2008, p. 29).

A autora vai citar também a demonização de símbolos e ritos da ordem da espiritualidade como estratégia de apagamento da identidade e da cultura de pessoas racializadas, ou seja, racismo religioso. Herança colonial inegável, o preconceito contra religiões de matriz africana é frequente no cristianismo, principalmente nas doutrinas protestantes e neopentecostais. Como vimos anteriormente, tudo relativo à branquitude é associado à pureza e a virtude, enquanto que tudo relacionado à negritude aparece como pecaminoso e impuro.

À medida que as personagens de *Vereda da salvação* se aproximam da purificação almejada, Jorge Andrade menciona este atravessamento racial, a partir da fala de Germana. A declaração da personagem evidencia o quanto o dramaturgo estaria, pelo menos de algum modo, atento aos entrelaces entre as religiões cristãs, a intolerância religiosa e o racismo no Brasil. Na obra evidentemente há um apagamento racial, e o autor parece tentar contar esta história apenas do ponto de vista da luta de classes sociais, o que se mostra insuficiente para abarcar todas as camadas de opressões interseccionais, das quais este conflito se produz.

Retratar um episódio de fanatismo religioso e conversão em massa sem trazer o marcador racial é, de certa forma, negligenciar a história e a luta de populações negras contra a hegemonia da branquitude. Ao fazer determinadas escolhas dramáticas, Andrade omite esse marcador social ao caracterizar as personagens, bem como não evidenciar a intersecção deste recorte. E, ao pensarmos na construção dos papéis de gênero dentro da obra, é importante termos em mente que provavelmente estamos falando de homens e mulheres majoritariamente, senão em sua totalidade, pretas.

### Ritos e procissões de gênero

Do mesmo modo que a crença adquire um caráter de ensino e reprodução de saberes que visam apagar

uma cultura e uma identidade quando falamos de relações raciais, algo similar ocorre com a delimitação dos papéis de gênero, como expõe Claudio Roberto dos Santos de Almeida (2015):

[...] no culto, não se aprende apenas a receber o Espírito Santo, aprende-se a ser um homem pentecostal recebendo o Espírito Santo, tornando-se forte e determinado para vencer a batalha do cotidiano. Do mesmo modo em que se aprende a ser uma mulher pentecostal recebendo o Espírito Santo, aprendendo a ser humilde, afável e dócil. No âmbito do processo de ensino/aprendizado dos modos adequados de engajamento ritual no pentecostalismo, um conjunto de técnicas é aplicado não apenas para a reconstrução dos corpos, mas também para o remodelamento discursivo das subjetividades (Almeida, 2015, p. 169).

Ou seja, dentro do campo religioso há um “ser homem” e um “ser mulher” com bordas e limites demarcados. Demarcações estas que, inevitavelmente, serão transpassadas pela experiência humana, visto que não é possível reprimir nossas vivências de tal modo. Porém, há uma expectativa de que, pelo menos a nível público, as pessoas fiéis permaneçam dentro destas fronteiras.

Em *Vereda da salvação*, temos uma personagem que exerce muito bem esse papel. Manoel é um homem provedor e trabalhador, além de ser preocupado e dedicado à família. Trata-se de um sujeito dentro dos padrões da religião visto que, além de viril e habilidoso, não apresenta uma masculinidade violenta ou agressiva, adotando uma postura mais calma e serena. É a posição que se espera, dentro dos valores pro-

testantes, de um líder ou de um mentor. O caso que mantém com Artuliana poderia ser visto como uma contradição dentro da lógica da religião, mas o fato de ser um homem mais velho, cuja esposa faleceu no parto, e de estar desejoso de oficializar essa relação, parece-nos redimir Manoel de qualquer tipo de culpa. Até mesmo o fato de Artuliana ser uma mulher jovem e “provocante” justifica, dentro da narrativa, a tentação do trabalhador.

Quando pensamos nas personagens femininas da trama, é possível separá-las em três categorias:

a) As devotas - o vínculo pela fé: Nesta categoria podemos encaixar Germana, Conceição, Durvalina e outras mulheres que não recebem nomes. Cada uma destas personagens possui suas especificidades, porém, aqui as agrupamos e nos referimos àquelas que, mesmo tendo contrariado ou questionado a crença em algum momento, aceitaram-na até o fim. Estas mulheres, mesmo diante de uma morte violenta, mantiveram-se na fé de que ascenderiam aos céus com Joaquim. Nelas podemos identificar a performance dos papéis de gênero, a partir de uma passividade diante da fala dos líderes religiosos. É possível observar também que, mesmo fortemente atuantes e entregues à doutrina da nova crença, estas mulheres não tiveram espaço para exercer funções de liderança, como, por exemplo, Geraldo, que conseguiu conquistar a confiança de Joaquim. O que corrobora com o que expressa Alberto Mesa-que Martins (2019):

[...] as representações de masculinidade e feminilidade justificam não apenas o modo como os sujeitos se percebem (homens superiores às mulheres, por exemplo), mas também interfere nas práticas religiosas, especificamente no que tange ao exercício e, em alguns casos, ao impedimento de lideranças femininas nesse contexto (Martins, 2019, p. 34).

Deste modo, parece que o único lugar que lhes cabe é o da devoção, da passividade inerte diante da palavra dos homens, que são detentores do conhecimento e da doutrina.

b) A mãe, a filha e a amante - o vínculo pelo amor: Nesta categoria englobam as três mulheres com histórias diferentes, porém que possuem uma característica significativa que as une: o amor. Enquanto as devotas possuem um vínculo de fé com os homens, Dolor, Ana e Artuliana os amam profundamente, seja como mãe, como filha ou como amante. Deste modo, as três estão visceralmente entrelaçadas com Manoel ou com Joaquim. É interessante observar, inclusive, que todas são apresentadas como mulheres fortes, trabalhadoras e questionadoras, colocando-se, em algum momento, em oposição ao delírio que vinha ocorrendo. Pensar no modo como as performances de gênero impostas pela religião atravessam estas três personagens é refletir sobre o papel da família no contexto da igreja. Como Mónica Tarducci (2007) expõe:

[...] o que primeiramente chama nossa atenção, se buscamos uma mensagem específica para as mulheres, é uma aparente contradição: por um lado, um discurso "andrógino", negando as diferenças entre os sexos e igualando a homens e mulheres como irmãos na fé; por outro lado, um discurso sobre a família cristã, verdadeira obsessão dos grupos fundamentalistas há um século. O discurso da família é o que abarca a mulher, já que não se concebe uma mulher adulta fora do matrimônio. A mulher é esposa e mãe, e também pode adquirir os papéis derivados destes: os de "viúva" ou "separada" (Tarducci, 2007, p.154).

Ou seja, cada uma destas três mulheres é apre-

sentada na trama como pessoas singulares, pensantes e ativas no mundo. Porém, ao mesmo tempo, a narrativa parece transparecer o modo como o papel social relativo ao vínculo afetivo que elas possuem com Manoel ou Joaquim parece sobrepor suas individualidades e singularidades. Assim, Dolor pode ser uma mulher firme e trabalhadora, mas antes de qualquer outra coisa ela é mãe. Artuliana pode ser astuta e forte, mas primordialmente é uma amante apaixonada. Ana pode ser inteligente e muito competente, mas, acima de tudo, é filha de Manoel. E tal qual uma sina, como mãe, amante e filha morreram. Mesmo que questionem, mesmo que lutem, parece que não há como se desvencilhar do laço criado pelo amor que sentem, que as sustentam de algum modo, mas que também as prende à trama destes homens.

c) As meninas - a desobediência e a subsistência: As únicas personagens femininas que permanecem até o final e parecem realmente ocupar o lugar da rebeldia e da desobediência são Eva e Jovina. Ambas crianças são apresentadas desde o princípio como brincalhonas e com bastante energia, mesmo em momentos sagrados, o que incomodava suas respectivas mães. Após o espancamento em Artuliana que a faz perder o bebê, ela relata que Joaquim

[...] mandou bater nas criança e jogar na mata. Estão tudo lá, morrendo de medo. A Daluz e o marido p'ra não perder o filho que chorava de fome, tiveram que fugir pr'a fazenda. Quase mataram o menino de tanto bater (Andrade, 1970, p. 256).

Ou seja, Eva e Jovina ficaram na mata com medo sozinhas, enquanto Daluz e o marido fugiram, visto que mediante o jejum imposto por Joaquim, nem mesmo ela podia dar de mamar ao seu próprio bebê. As meninas eram amigas e permaneceram juntas, mesmo quando a sede e a fome excessivas. Após um momento, escondendo-se

na mata. Elas, de forma muito discreta, tentam apanhar um pouco de rapadura para comer e retirar água do poço para beber. Infelizmente, Eva faz barulho ao retirar o balde do poço e ambas são vistas, o que acabaria por levar à morte de Jovina. As duas meninas parecem trazer um contraponto, tanto a partir da inocência da infância, como da rebeldia da juventude. Ambas, de forma muito subversiva, não compreendem e não cedem ao delírio, pois seus desejos estão muito voltados às condições mais básicas de sobrevivência, sua subsistência. É possível observar uma tentativa de silenciamento e docilização dos corpos através da punição, por parte de suas mães, mas este movimento não se concretiza, e as meninas seguem realizando suas próprias vontades.

Estamos analisando uma obra publicada em 1965, o que exige a consideração de um contexto histórico específico, marcado por concepções de gênero, raça e religiosidade que moldavam as relações sociais da época. Nesse sentido, ao discutir a crítica ao fanatismo religioso presente na obra, é fundamental não apenas reconhecer essa abordagem, mas também problematizar as interseções entre raça e gênero que atravessam a vivência das crenças e a forma como determinados grupos são subalternizados pelos dogmas religiosos. Ignorar esses aspectos resultaria em uma análise limitada, que não contempla as complexas dinâmicas de poder envolvidas.

Assim, ainda que Andrade busque manter uma posição crítica, objetiva e cuidadosa ao se deparar com um universo sociocultural distinto do seu, sua percepção inevitavelmente será influenciada por sua bagagem histórica e subjetiva. Dessa forma, é impossível desvincular-se completamente das estruturas culturais que condicionam a maneira de interpretar a realidade. O desafio, portanto, não está apenas em reconhecer essas influências, mas em confrontá-las criticamente para que não reforcem leituras reducionistas ou reprodutoras de desigualdades.

## Considerações finais

Em sua obra, Jorge Andrade tem como disparador um evento drástico que ocorreu na década de 1950 em um pequeno vilarejo no norte de Minas Gerais. O autor vai escrever a respeito de um povoado com vivências distantes das suas e com uma história da qual ele não compartilha. Naturalmente, neste processo, o dramaturgo partirá de suas próprias experiências para escolher quais detalhes do episódio real deveriam ser mantidos e quais não, quais pontos serão enfatizados e quais precisam ser modificados. O fato é que, ao relatar e adaptar uma história verídica para uma dramaturgia, Andrade precisou fazer escolhas narrativas e estas não teriam como se diferenciar da visão que o autor tinha sobre o mundo.

Assim, fica evidente o modo como, na obra, não há uma pretensão por parte dele em abordar as interseccionalidades entre raça, gênero, classe e crença. Podemos observar que há, minimamente, uma compreensão acerca do modo como estes marcadores atravessam as vivências das personagens. Porém, em nenhum momento são evidenciados. Muito pelo contrário, no decorrer da narrativa, estes aspectos parecem ser diluídos quanto ao seu grau de importância e relevância.

*Vereda da salvação* é uma denúncia potente e pertinente ao pensarmos no contexto do fanatismo religioso, principalmente nos tempos atuais, em que a narrativa da religião e do conservadorismo tem aumentado cada vez mais. Porém, não podemos desconsiderar os aspectos faltantes no que diz respeito aos marcadores sociais de gênero e raça. Se a proposta é refletirmos sobre como um pequeno povoado é atravessado por uma religião neopentecostal de tal modo que, numa experiência grupal, produz um delírio coletivo, não há como deixarmos de fora as intersecções anteriormente citadas.

Ao compararmos aos dias atuais, não há como negar um retorno gritante da moral religiosa e

dos ideais cristãos em nosso meio, através do conservadorismo. Só de pensarmos que no Congresso há uma bancada evangélica, que se preocupa especialmente em garantir que as decisões sejam correspondentes a esta ideologia, já é motivo de atenção e alerta. Em um Estado que prega sua laicidade, mas está longe de colocá-la em prática, corpos dissidentes precisam se unir na luta por políticas públicas que nos permitam sobreviver e ter uma vida digna.

## Referências

ALMEIDA, Cláudio Roberto dos Santos de. *O caminho do senhor: conversão pentecostal e transformação da experiência na periferia de Salvador*. Salvador: EdUFBA, 2015.

ANDRADE, Jorge. *Vereda da salvação*. In: *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BRANCHINI, Diná da Silva. *Religião e identidade: um estudo sobre negros metodistas da região metropolitana de São Paulo*. 2008. 212 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciência da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2008 Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp066570.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024

CASTALDI, Carlo. A aparição do demônio no catulé. *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, v. 20, n. 1, p. 305-357, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12573/14350>. Acesso em: 21 nov. 2024

PEREIRA, Tamires Tolomeotti; SIERRA Jamil Cabral. Quando ciência e fundamentalismo religioso se encontram: estratégias para a produção de ódio contra as sexualidades e gêneros dissidentes e seus efeitos nas políticas públicas. *Revista Práxis*, Nova Hamburgo, vol. 2, p. 244-266, mai/ago 2019.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=525562377013>. Acesso em: 21 ago. 2024

MARTINS, Alberto Mesaque et al. *Masculinidades no reino de deus*: corpo, gênero e representações sociais de homem entre frequentadores da igreja universal do reino de Deus. 2019.177 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/30222>. Acesso em: 10 set. 2024.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de. A “política dos terreiros” contra o racismo religioso e as políticas “cristofascistas”. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 40, p. 17-54, 2021.

TARDUCCI, Mônica. "O Senhor nos libertou": gênero, família e fundamentalismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 143–163, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1726>. Acesso em: 22 ago. 2024.

VIEIRA, Antônio. *Sermoens do P. Antonio Vieira (Volume 04)*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1685. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4559>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Recebido: 10/03/2025

Aceito: 03/04/2025

Aprovado para publicação: 28/04/2025

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

[mons.org/licenses/by/4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0).

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.